

## EDUCAÇÃO AMBIENTAL: O POLÍTICO E O PEDAGÓGICO DENTRO E FORA DA ESCOLA

Tânia Elias M. da Silva\*

Antes de iniciarmos as considerações relacionadas à educação ambiental, fazem-se necessárias algumas reflexões teóricas diretamente imbricadas à temática geradora e que diz respeito à questão ambiental, isto no sentido de podermos delinear o nosso entendimento da problemática proposta para a presente discussão.

Primeiro há de se considerar o meio ambiente, como uma totalidade, e, neste sentido composta não apenas dos recursos naturais, mas também das sociedades humanas, que, através de relações sociais, neles interagem, modificando-o, conforme suas necessidades.

Assim, entendemos o tema como pertinente ao campo de estudo das Ciências Sociais, imbricado na temática sobre o processo de desenvolvimento.

Entender a problemática ambiental é inserir-se nos estudos sobre os processos e modelos de desenvolvimento adotados. É, como afirma Tiezzi, a necessidade de reavaliar por completo tanto o modo de produção como o que se produz. É preciso varrer todos os lugares-comuns que fazem coincidir o "bem-estar" com o aumento do P.N.B. (Produto Nacional Bruto) ou com a concentração industrial (TIEZZI\* 1988 p. 08).

Uma outra consideração de ordem teórica é a que incide sobre o conceito de entropia, relacionado aos modelos de crescimento/desenvolvimento econômico. A desconsideração dos modelos econômicos em voga, do conceito de entropia. O tempo econômico não leva em consideração o tempo entrópico.

Entropia significa desperdício dos recursos naturais e poluição, crise energética e destruição do ambiente. A máxima "time is money" vai diretamente na direção oposta ao tempo entrópico e é, ou pelo menos tem sido, a máxima reguladora dos modelos de desenvolvimento adotados em quase todo o planeta, e justificadora do progresso, da modernidade.

Portanto, progresso está associado a industrialização, urbanização, avanço desenfreado do capital, poluição, desmatamento, destruição ambiental, pobreza, fome, doença, mortes prematuras, dependência econômica, e tem conduzido ao desequilíbrio e à desordem global na biosfera.

O progresso, nesse sentido, "é medido pela velocidade com que se produz; chega-se mesmo a imaginar que quanto mais rapidamente nos servimos dos recursos da natureza, tanto mais avança o progresso." (TIEZZI\* 1988 p. 32).

O tempo do relógio, que mensura a produtividade, o lucro a velocidade com que se investe contra a natureza e contra o próprio homem, o tempo-dinheiro, aí representado, não são os tempos que importam para instaurar uma relação correta com a natureza. "O relógio, símbolo da ordem, mede, paradoxalmente, as horas de desordem: o frenesi do consumismo e do crescimento da produção aproxima os tempos da desordem global." (TIEZZI: 1988).

Um outro conceito que deve ser considerado é, portanto, o de modo de produção. Não podemos igualar nem culpar todas as sociedades pelo descuido e mesmo pela velocidade devastadora dos bens naturais. Há sociedades que, calcadas numa outra perspectiva de produção e culturalmente relacionadas num equilíbrio ambiental, não mensuram a vida pela máxima do "tempo é dinheiro". É o caso das sociedades indígenas, algumas comunidades ribeirinhas e beira-mar, ou "alternativas".

### Trabalho versus Natureza

O homem age sobre a natureza e a transforma através do trabalho, e cria para si toda uma concepção de sociedade, a partir das suas condições materiais de produção. O trabalho produz não apenas riquezas, bens materiais, mas cria relações humanas, sociais, como produz o próprio homem,

\* Socióloga — Professora do Deptº de Ciências Sociais da UFS.

enquanto cultura. "Por essência, através da técnica, o trabalho, é a transformação, pelo homem, da natureza que, por sua vez, reage sobre o homem, modificando-o" (FRIEDMANN: 1973).

O trabalho, portanto, deve ser entendido como a base de existência dos agrupamentos, motor do desenvolvimento social. A atividade produtiva está diretamente ligada à forma como está organizada a produção. Necessariamente, não se reduz apenas ao aspecto material da vida: produz relações sociais e políticas determinadas. (SILVA: 1989).

Para Marx, os homens são os produtores de suas representações, de suas idéias, e, com efeito, os homens são condicionados pelo modo de produção de sua vida material, por seu intercâmbio material e seu desenvolvimento ulterior na estrutura social e política (MARX: 1979). "Tal como os indivíduos manifestam sua vida assim são eles. O que eles são coincide, portanto, com sua produção, tanto o que produzem, como o modo como produzem". (MARX: 1979).

Nas sociedades cujo modo de produção assenta-se na mercadorização da vida — as sociedades capitalistas — tudo se transforma em mercadorias e é sob este prisma, apenas sob esta ótica, que são vistos os recursos naturais e a natureza como um todo: mercadorias que satisfazem necessidades.

A natureza, vista como uma mercadoria, insere-se na relação de apropriação individualizada dos meios de produção, como propriedade privada, a ser explorada para produzir mais mercadorias, enquanto houver necessidades a serem satisfeitas.

Cabe ressaltar que, ao pensar a questão ambiental, sua problemática e possíveis soluções, somos levados a admitir uma outra ordem econômico-social-política e cultural que não se baseie no desperdício de recursos, na destruição do meio ambiente e no desrespeito às gerações futuras, que se baseie na idéia de que os recursos naturais são finitos, e por isso é preciso estabelecer um processo de equilíbrio entre o desenvolvimento das sociedades humanas e a preservação ambiental. Entretanto, não podemos deixar de considerar que a problemática é mais grave nos países pobres, do chamado Terceiro Mundo, que mais do que algozes do meio ambiente, são vítimas da exportação de um modelo devastador, que gera excessos em um lado do planeta e escassez em outro. Impõe a uns a miséria e estagnação, a fome e o desemprego, a subordinação econômica, enquanto nutre "os celeiros e os bancos" do lado rico do planeta. É a questão norte/sul.

É preciso, ao se debater o problema, não ignorarmos a relação de dependência a que estão sujeitos 4/5 dos povos da terra, a problemática das classes sociais que perpassa a temática e

que de maneira alguma atinge a todos de igual maneira, e se numa tragédia atômica perecermos todos, uns morrerão nutridos e rosados e outros esqueléticos e famintos.

Ou seja, uns viviam às custas de outros que teimavam em não sucumbir.

#### — Educação/Ambiente/Política

Feitas as considerações anteriores, entendemos que a educação ambiental deve ter como premissa fundamental desenvolver a consciência ecológica. Ou seja, dar às pessoas a dimensão certa do relógio de suas vidas. O econômico versus o entrópico.

Mais do que tudo é preciso não se esquecer que educar é socializar. Assim, é preciso que este processo tenha um papel realmente transformador, capaz de criar uma nova mentalidade de cultura do desenvolvimento, bem como imbuir as pessoas do seu papel a desempenhar neste processo.

Como afirma Robert Reichardt, "o processo de percepção e de avaliação do ambiente é um fenômeno, assaz complexo. A percepção e a avaliação de um meio variam, não só de uma pessoa para outra, mas também do próprio indivíduo, conforme se alteram as situações." (Reichardt, in SILVA, C.E.) Lins: 1978).

As alterações ambientais podem ser sentidas de maneiras diferentes, conforme os interesses e necessidades em jogo. Isto diz respeito aos indivíduos e aos grupos sociais. Portanto, se alguém está satisfeito com o ambiente em que vive, provavelmente, pouco ou nada fará com o objetivo de transformá-lo. (SILVA: 1978).

O objetivo da Educação Ambiental deverá ter em conta a necessidade de alertar as pessoas para o perigo a que estão sujeitas num ambiente contaminado; o perigo da contaminação; a generalidade da destruição ambiental; a dimensão do próprio conceito de meio ambiente; as distorções que recebe a partir de informações superficiais, recebidas pelos meios de comunicação, que não mostram a complexidade do problema, modismos de uma temática tão séria; a necessidade de se organizar e, como cidadão, lutar pelo direito à vida, pela construção de uma sociedade sadia, contra as contradições sociais que envolvem a problemática onde interesses conflitantes, muitas vezes, partilham, aparentemente, da mesma luta, ideologizando-a, e, mais ainda, que, para melhorar decisivamente a condição ambiental, são necessárias mudanças radicais (revolucionárias) na estrutura social.

Portanto, a educação ambiental é eminentemente uma educação política. É necessária vontade política e, mais ainda, discernimento para sabermos de que lado atuamos, que interesse defendemos,

quem serão os verdadeiros beneficiados e para quem serão socializadas as perdas.

Pouco importa se ela ocorra dentro ou fora das escolas. É claro que toda educação formal tem os limites da própria instituição, contudo ela não é menos importante e/ou menos necessária que a que ocorre através das organizações sociais e políticas no interior da sociedade civil, como movimentos sociais, associações, entidades e partidos preocupados com a problemática ambiental.

O importante é saber discernir a concepção de sociedade, progresso e desenvolvimento que está sendo difundida nessa prática educacional.

Se estamos apenas justificando os erros e lamentando "o preço a ser pago" pelo progresso e pelas maravilhas advindas do avanço tecnológico, se estamos justificando os contrastes existentes no mundo atual, atribuindo o mérito aos "desenvol-

vidos" e culpando os "subdesenvolvidos" pelos atrasos e distorções, apesar de comemorarmos "o dia da árvore", "o dia do meio ambiente", usarmos todo um *kit* ecológico de vanguarda, inclusive o de propagarmos a defesa da educação ambiental, tal como hoje defendem e financiam os grandes grupos multinacionais e transnacionais, principais responsáveis pela devastação de nossas reservas ecológicas e de nossa miserabilização.

Ou, se realmente estamos imbuídos de uma outra filosofia, uma outra concepção de desenvolvimento, de cultura, capaz de frear a ganância do lucro, dos modelos embasados na produção em larga escala, do consumismo exacerbado, da contradição das classes sociais, se estamos desenvolvendo uma vontade revolucionária de construção de uma outra ordem social, cuja matriz leve em consideração o homem por inteiro, o homem-natureza.

#### Bibliografia citada:

- FRIEDMANN, E., NAVILLE, Pierre. *Tratado de Sociologia do Trabalho*. São Paulo, Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974, vol. 2.
- MARX, K., ENGELS, A *Ideologia Alemã*. São Paulo, Ciências Humanas, 1979.
- SILVA, Tânia Elias M. *As Várzeas Ameaçadas - Estudo Preliminar das Relações entre as Comunidades Humanas e os Recursos Naturais da Várzea da Marituba no Rio São Francisco*. Aracaju/São Paulo, Programa de Pesquisa e Conservação de Áreas Úmidas no Brasil - Pró-Reitoria de Pesquisa - USP - União Internacional para a Conservação da Natureza, Fundação Ford, 1990.
- TIEZZI, Enzo. *Tempos Históricos, Tempos Biológicos - A Terra ou a Morte: Os Problemas da Nova Ecologia*. São Paulo, Nobel, 1988.

## EDUCAÇÃO FÍSICA: CRÍTICA À MEDIOCRIDADE

*Francisco Mauri de Carvalho Freitas\**

O recente Congresso de Filosofia, História, Sociologia e Educação Física Comparada - Agosto de 1990 -, realizado na Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UFRJ, apesar de ter representado um marco avançado, inquestionável, na luta

que se trava no interior da Educação Física, levada a efeito pelos estudantes do Centro Acadêmico dos Estudantes de Educação Física da UERJ, a quem rendemos votos de admiração e solidariedade, mesmo assim, fomos levados à construção

\* Licenciado em Educação Física - UNIFOR, Mestre em Pedagogia do Movimento Humano - UGF, Pesquisador da Câmara de Estudos Interdisciplinares do Departamento de Lutas da EEFD/UFRJ.